

“QUEREMOS JUSTIÇA”

TRAUMA E
RECONHECIMENTO
DAS VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA

BRUNO CERVILIERI FEDRI



INM Editora

Copyright © 2026 by Bruno Cervilieri Fedri

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical e Preparação de Texto: Sergio Gomes

Revisão Técnica: Sergio Gomes

Capa e diagramação: Caren Dantas

Crédito da Foto de Bruno Cervilieri Fedri: Eduardo Gomes

Marketing: Diogo Robassini

Estagiário: Ryan Aranha

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Gerente Administrativa: Camila Cardozo

Foto de capa: Renzo Cercilieri Fedri

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009

INM Editora

Frei Caneca, 1380,

Primeiro Andar — Sala 17

Consolação — São Paulo

CEP: 01307-002 | Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora

Ao Eduardo, maior parceiro que a vida me deu
Ao Tio Carlos (*in memoriam*), que sempre acreditou em mim.
À profa. Cláudia Vieira Carnevalle (*in memoriam*) cuja paixão pela
Psicologia continuará inspirando gerações.

Agradecimentos

Sou um quando penso, pelo menos dois quando me apaixono e uma legião quando escrevo. Em cada artigo, cada aula, cada apresentação que produzo bem como ao escrever este trabalho sinto que tenho infinitas mãos para além daquelas que me foram dadas ao nascer, mãos de familiares, amigos, amores, professoras e professores, mãos que me afagaram, me acolheram, me direcionaram e ensinaram. Mãos daquelas e daqueles que hoje fazem parte de mim e jamais deixarão de sê-lo, pois o que vive dentro de mim não morre e nem padece.

Desta forma, agradeço à Universidade de São Paulo, mais precisamente ao Instituto de Psicologia da USP, pela oportunidade de realizar esta pesquisa e compartilhá-la com toda a comunidade acadêmica e científica e, especialmente, compartilhá-la com a classe trabalhadora, a qual espero poder colaborar por meio deste estudo.

Ao prof. Dr. Paulo Cesar Endo, orientador da tese que agora transformo em livro, pela inspiração para escrever e estudar Psicanálise em contextos de violência.

À profa. Dra. Flávia Inês Schilling e ao prof. Dr. Paulo Keichi Ichimura Kohara, referências nos estudos sobre a violência, pela colaboração ímpar para com esta pesquisa. Agradeço à profa. Dra. Ludmila Nogueira Murta e ao prof. Dr. Eugênio Canesin Dal Molin por também colaborarem fundamentalmente com esta pesquisa.

Aos colegas do IEA e à todas e todos que indiretamente colaboraram com suas pesquisas.

Às colegas e aos colegas do grupo de orientação do prof. Dr. Paulo Cesar Endo: Carla Fraga, Tânia Corghi Verissimo, Lucas Torrisi, Maico Fernando Costa, Deborah Klajnman, Maurício Jorge Piragino - Xixo, Luciano Bregalanti Gomes, Christiana Oliveira, Lilian Carbone e Julia Ferri, pelas colaborações certas e fundamentais que me auxiliaram na condução desta pesquisa.

Às amigas e amigos da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo: Tetê, Marta, Beth, Rhayza, Neide, Haroldo, Deborah, Claudia e Cristiane, pelo incentivo e pela parceria estabelecida ao longo de mais de uma década de trabalho constante em favor dos direitos das vítimas de violência.

Às colegas do CRAVI — Centro de Referência e Apoio à Vítima — Siméia Ivo, Priscila D'Áuria, Diego Martini Coelho, Fabiano Batista, Natália Sônia da Silva, Luane Natale, Ana Carvalho, Jane Petrizzo, Gisele Domingues e Luanda Avedissian pela parceria valiosa e pelo carinho. Agradecimento especial à psicóloga Simone Pantaleão, coordenadora do CRAVI Araçatuba e à Claudia Gonçalves Belazi (*in memoriam*). Sua dedicação para com a Psicologia e para com as políticas públicas de apoio às vítimas de violência não será esquecida.

Às professoras e professores do curso de Ações Terapêuticas para Situações do Luto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Daniela Reis e Silva, Mário Barros Filho, Cibele Maras, Fernanda Gouveia Paulino, Regina Szylit, Adrianna Loduca, Vanessa Rigonatti, Isabela Hispagnol, Sergio Câmara e Maria

Helena Franco, pelos fundamentais ensinamentos sobre o luto ao longo de minha vida profissional.

Às colegas e aos colegas professoras e professores do curso de Psicanálise e Saúde do Hospital Israelita Albert Einstein pela parceria no ensino da Psicanálise. Agradeço-as(os) em nome do prof. Dr. Alfredo Simonetti, coordenador do curso.

Às colegas do Espaço Ybá, em especial à Claudia Vannozi Brito e a Josiane Kohls pela parceria.

Às minhas alunas e alunos que me acompanharam desde meus primeiros passos como docente.

Às colegas de profissão que me ensinam nas supervisões clínicas: Davi Ruivo, Deborah Malheiros, Juliana Piccoli, Aline Dias, Mariane Oliveira, Ana Paula Kageyama, Vanielle Castro, Mônica Silva Pires e Letícia Weber.

Aos meus pais, Célia e Elisir, pela vida que me proporcionaram e pelo incentivo cotidiano para com minha curiosidade infinita diante do mundo que me cerca.

Minhas irmãs e irmão, Roberta, Bianca e Renzo, que por meio de sua parceria, amor e solidariedade me acolheram e me acolhem todos os dias. Também agradeço meus cunhados Alexandre e Rogério e meus sobrinhos Luigi, Ornella e Fiorella, por tornarem minha vida mais feliz.

Às amigas Danielle Bassi, Mariana Bonafé, Celso Kanashiro, Juliana Botter, Andreza Meneghel, Kellen Gondo, Alice Santana, Fernanda Ferreira, Edson Hortêncio da Silva, Edson de Jesus Novaes, Marjorye Legori, Fabiane Ferrari, Flávia Cabezaolias, Karina da Luz, Lilian Casonatto, Kelly Masson, Telma Rodrigues, Luciana Miranda, Claudenice Rufino, Claudia Emi, Priscila Marin Andreazzi, Aline Gasparotto, Renata Fernandes Lellis, Aline Buson, Renata Carvalho e Renata Sansoni, pela oportunidade de compartilhar os melhores momentos na graduação em Psicologia.

Ao amigo e prof. Dr. Maurício Hermann, pela parceria e pelo acolhimento ofertado ao longo de meus estudos desde a graduação em Psicologia.

Às amigas e colegas de profissão Dra. Sueli Hisada e Dra. Estela Ramires Lourenço, pelas trocas e ensinamentos.

Agradecimentos especiais à Valdirene Pires, Ana Lúcia Zanetti, Marjori Macedo, Maria Alice Pessolato, Linda Iork Silva Santos, Denise Sanches Careta e Jaqueline Magalhães (*in memoriam*), homenageadas neste trabalho. Agradeço a valorosa amizade e pelos ensinamentos transmitidos como primeiras supervisoras de minha vida profissional.

Ao psicólogo, psicanalista e amigo Santiago Duarte, pelo carinho e especial apoio ao longo desta jornada. Agradeço também à amiga e assistente social Carla Aguilar pela consistente parceria e amizade, e à amiga e colega de profissão Profa. Bárbara Opina, pelas oportunidades de falar sobre psicanálise, sempre com muita descontração.

Aos amigos e amigas Telma Rodrigues Noda, Eduardo Gomes, Karla Oliveira e Vitor Soares, especialmente por não me deixarem esquecer de descansar e aproveitar os melhores momentos da vida.

À tia Lúcia, tio Favito, tia Regina, tia Bete, aos meus primos e minhas primas, pela admiração e carinho para comigo ao longo de toda a minha vida.

Agradecimentos especiais à Cristina, Luana, Márcia, Arlete, Josi, Vani, Cidinha, Fátima, Simone e Raimunda, por terem me ensinado o verdadeiro valor da vida e por não desistirem de acreditar em um país menos violento.

À Maria Lúcia Mucciolo, pela presença e pelo apoio nos momentos difíceis.

À Dra. Denise Sanches Careta, por ter me ensinado que psicólogas e psicanalistas também salvam vidas.

Às professoras e professores que me conduziram até aqui, desde os tempos de escola: Carla, Eneida, Cenira, Tininha, Maria Cândida, até os tempos da faculdade: Mariantônia Chippari, Adriana Rubio, Angélica Capelari, Rosali Duprat, Hilda Avoglia, Maria Helena Beckers, Dagmar Silva Castro e Manoel Resende.

Sou e continuarei sendo parte indivisível dos mestres e mestras que a vida me presenteou.

Este livro é especialmente dedicado às vítimas de violência e às trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, em especial trabalhadoras e trabalhadores da saúde mental e profissionais da Psicologia, cuja indignação para como as injustiças e arbitrariedades vivenciadas junto a seus pacientes e usuários é convertida em força de vida e luta por um país mais justo e menos violento.

Prefácio

Gostaria de manifestar minha alegria e honra por fazer parte desta obra, ao escrever esse prefácio. Uma satisfação encontrar narrativas tão flor da pele numa leitura transformada em lirismo e clínica. O autor conseguiu sustentar o pensamento clínico em sua prática cotidiana de escuta do sofrimento psíquico.

Bruno é, sem dúvida, uma presença marcante nas relações que estabelece e nos lugares que ocupa. Deixa sua marca pessoal, de puro entusiasmo e envolvimento naquilo que faz. Seu livro é o retrato de fina sensibilidade diante da dor dos outros, revela os rastros do que se perdeu, daquele vazio silencioso que faz morada no cotidiano e vai perdurar em seus estilhaços ao longo da vida.

A presente obra vem ocupar um lugar distinto no cenário atual. Tratar da temática da dor, perdas, luto, não é tarefa fácil de se inserir na vida cotidiana. Principalmente em contextos de mortes marcadas por violência, que clamam por justiça, reparação e reconhecimento. O traumático tende a ficar oculto, escamoteado, invisível e, por isso, inacessível, quando não é fortemente banido e excluído da vida social.

O apagamento subjetivo das vítimas indiretas e suas dores, os obstáculos de acesso à justiça e a escassez de políticas públicas que visam ações de acolhimento e escuta do sofrimento revelam o quanto ainda é preciso caminhar na direção de visibilidade e reconhecimento.

Ser reconhecido é uma necessidade de todo o sujeito. O reconhecimento implica olhar, escuta, encontro e presença, compreende o “sentir com” o outro acolhedor, o “poder falar” sobre o luto e dor. O reconhecimento é aquilo que a criança demanda ao denunciar a experiência confusa do abuso, é aquilo que a vítima de violência demanda quando comparece a uma delegacia de polícia, uma instituição não governamental de apoio às vítimas ou centro público especializado e por isso podemos compreendê-lo como o avesso do desmentido, em especial se nos atentarmos àquilo que deve ser reconhecido: o sujeito, a incomunicabilidade de sua experiência traumática e suas potencialidades.¹

Diante de vivências traumáticas tão difíceis de digerir, tanto na esfera individual como no âmbito coletivo; o recrudescimento das práticas de violências sobre as minorias; as políticas públicas que ainda não alcançam as necessidades da população atingida; a distorção nas atuações de acolhimento — revelam a necessidade urgente de se pensar saídas no sentido de dirimir situações de revitimização perpetradas pelas instituições que pretendem acolher e também no entorno social das vítimas.

Uma leitura que se expande no tempo, nos espaços institucionais e numa historicidade bem delineada, tanto na realidade brasileira quanto em seus resíduos presentes na atualidade. Os caminhos possíveis e as análises cuidadosas, presentes nesta publicação, podem servir de instrumentos potentes para atores

1 As citações usadas, daqui em diante, foram retiradas do texto do autor no presente volume.

de diversos setores, promovendo reflexão, movimentos de mudança e uma posição ético-político clínica no cotidiano de práticas de acolhimento institucionais.

Uma escrita encarnada. As narrativas expostas foram construídas na vivência do autor, no dia a dia de trabalho como psicólogo no Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI), principalmente. Assim, o relato sobre o vivido ganha uma dimensão de experiência e reflexão, de afetação e implicação em sua prática cotidiana e ao longo do tempo, suas reverberações são compartilhadas.

É uma obra que captura o leitor, desde as primeiras páginas, a narrativa de seu encontro clínico anuncia logo de início, ao que veio: um caminho sem desvios. Não se pode escapar do que ocorreu ali, da dolorida história, seja pelo fato de ser uma criança o personagem central, seja pela *promessa* que o menino de três anos endereça ao terapeuta a cumprir. Para toda a vida.

Pegando em minha mão e olhando nos meus olhos, ele disse: “*Se alguém te der uma roupa de policial e uma arma, você jura que não mata ninguém?*”. Foi inusitado para mim, mesmo já tendo experiência no atendimento de crianças, receber um pedido como aquele de uma criança de três anos, especialmente considerando a forma com que o pedido foi feito. De mãos dadas como no primeiro encontro, *olhando em meus olhos como nem sempre uma criança é capaz de olhar para um adulto.*

E no decorrer do livro, a tônica é a mesma. Histórias que se assemelham a essa, que se dirigem ao destinatário sem rodeios, na voz direta, buscando uma afirmativa.

“*Era uma dor tão grande, tão grande, tão grande, tão grande que ela só aliviava um pouco quando eu falava, mas as pessoas cansam de ouvir, então o CRAVI para mim, eu procurei o CRAVI como um lugar de escuta, para ouvir eu falar daquilo, era um lugar que eu... quando minha filha falou para eu ir ela falou...: mãe, é*

um lugar que alguém vai ouvir você, eles vão te ouvir porque eles são especialistas nisso, você vai poder falar sobre isso, sobre a dor que você sente, e foi por isso que eu procurei o CRAVI”.

E ali em sua sala de atendimento, o psicólogo se depara diante do impossível de se ouvir, e principalmente, da incredibilidade de que alguém pudesse ter vivido aquilo e daquele modo. Impressiona na narrativa, como a ideia de que ouvir o outro em sua dor se tornou assunto para especialistas.

Na narrativa sobre as histórias das mulheres que perderam filho, marido, irmã, ou seja, tudo, o desejo de uma vida sem sobressaltos. Tudo que se poderia desejar: o nada, nada disso ter acontecido.

“Nossa, eu não tenho como comparar, no sentido de que eu não sabia como lidar com nada disso”.

Nada disso?

“Então depois que eu fui para o CRAVI eu passei a saber lidar com tudo isso, aos poucos, de não me irritar com qualquer coisa...”. “Nossa, não é um pesadelo que minha irmã morreu, é real”. Parece que eu ficava esperando que em algum momento quando eu acordasse que tudo aquilo que aconteceu era tudo mentira, que tudo isso era um pesadelo e que minha irmã estaria na casa dela...”.

Bruno revela seu estranhamento: “*nada disso*”? e nos conduz ao terreno de suas inquietações, como sobressaltos que se interpoem em sua escuta. A escuta psicanalítica não se contenta com o verniz do discurso falado.

A imagem do *Pentimento* (em italiano significa arrependimento), se harmoniza com essa reflexão e se refere as alterações feitas na pintura pelo artista, perfazendo camadas que se sobrepõem. Com a passagem do tempo e desgaste natural, as formas anteriores vão se revelando no quadro que se descasca.

A escrita do autor revela a intensidade no olhar sobre o outro e sua dor, seu interesse nos terrenos mais submersos. Indicam leitura que espera, no tempo da clínica, certo desgaste da superfície das coisas para acessar o conteúdo original.

Ao longo de seu texto, a ideia de vidas fragmentadas aparece, interrompidas, abruptamente:

“Bruno, quando eu perdi minha irmã, foi como se eu não culpasse só o assassino, é como se o mundo tinha culpa porque pra mim tudo cotinu... não para mim, mas quando eu olhava ao redor e tudo continuava o mesmo, o mesmo que eu falo que tudo continuava era as pessoas vivendo suas vidas normalmente, eu saía na janela e via as pessoas subindo e descendo, tipo indo para seu trabalho, para seu compromisso, o ônibus girando normal, o metrô funcionando normal, as pessoas fazendo tudo normal e para mim tudo já tinha acabado. Era como se tudo tivesse que parar”.

O equilíbrio da vida desmoronou, algo se quebrou, interrompeu a temporalidade da vida cotidiana em sua continuidade natural. Como seguir adiante, como prosseguir?

Kintsugi é uma arte japonesa de restaurar objetos quebrados, realçando rachaduras com fios de ouro, ao invés de ocultá-las. Surgiu no século XV quando artesãos pensaram em valorizar o objeto danificado como único, precioso em suas fissuras e imperfeição. A fissura não é apagada, mas incorporada a história do objeto.

Na inscrição simbólica remete imediatamente ao sofrimento diante do objeto perdido, do vivido dilacerado, do que restou fragmentado. A narrativa do autor nos convoca ao manejo desta arte ancestral na clínica, diante das vidas em cacos e ainda assim, resistir ao ímpeto de tamponar as fraturas, de buscar a perfeita restauração que não deixaria vestígios da dor.

O trabalho de reparação objetiva, como pretende o sistema de justiça, não encerra a demanda psíquica de reparação simbólica

do que foi perdido. As cenas descritas por Bruno são um primor de transmissão, de sua experiência de inclinar-se na escuta da dor do outro. A mulher e mãe cujo processo teria terminado, endereça um pedido ao psicólogo.

“Será que eu poderia continuar (vindo) mesmo sem receber atendimento?”. *Pergunto-lhe o motivo então que a faria comparecer ao Fórum Criminal da Barra Funda — local de difícil acesso, militarizado e pouco acolhedor — ou como prefiro dizer: “isolado, monocromático e superegótico” sem que recebesse atendimento. Ela então me respondeu: “é que quando eu encontro um lugar onde eu posso tomar um café, eu me sinto alguém”. Tocado, informei a ela que tanto nossa sala de espera e nosso café estariam à sua disposição e recobrei a atenção para que o café, o chá e demais elementos da sala de espera, que pudesse reforçar seu acolhimento, estivessem disponíveis. Nas semanas seguintes, eventualmente encontrava ela em nossa sala de espera tomando seu café: “Olha Bruno, estou só tomando um cafezinho”. Sabíamos, tanto eu quanto ela, que aquele não era só um cafezinho.*

O trabalho com o trauma pode se sustentar na oferta material, na encenação do objeto perdido. Permite uma experiência de acolhimento familiar, antiga e conhecida, que pode amparar a falta, provisoriamente, preencher o vazio em parte e resgatar algo da dignidade perdida ou reconquistada naquele mesmo espaço.

“Quando Marjori soube do homicídio de seu filho e o viu ser enterrado ela descobriu uma dor diferente de todas aquelas que já conhecia. Não era como a dor da hérnia resultante de longos períodos em que permanecia de pé para desempenhar a tarefa de cozinheira habilidosa nem como a dor de seus pés que a sustentava todos os dias nos longos percursos que fazia para ir e voltar de seu trabalho. Era uma dor sem fim, que por mais que se esforçasse em explicá-la mantinha inalterado um estado de incompartilhamento. *Dor que fazia a noite virar dia,*

o ontem amanhecer a cada nova jornada de trabalho, subvertia tempo e espaço”.

A força dos depoimentos fala por si. Impressiona o alcance subjetivo da narrativa, definem o vivido com tanta precisão e ao mesmo tempo produzem análise e reflexão densas. A importância da escuta compartilhada e a possibilidade da repetição são valorizadas e sentidas como necessidades que incidem na vida afetiva.

“É muito curioso a gente está ali no grupo e todo mundo sabe a história de cada um, e o que é legal é que quando um está contando a sua história pela vigésima vez, todo o grupo está escutando como se fosse a primeira vez. E aí isso abre um leque pra mim que estou escutando que eu também posso recontar minha história pela vigésima vez que serei escutada e que ela é interessante para o outro, importante, e é importante poder falar, mesmo sendo para as mesmas pessoas”.

O autor conseguiu captar o vivido traumático nas cenas que selecionou para mostrar, que além da tragédia do ocorrido, as vítimas indiretas vão se deparar inadvertidamente, com outras formas de violências: as instituídas pela comunidade ao seu redor (pessoas próximas que se afastam do convívio) e as institucionalizadas vindas dos próprios locais de acolhimento (pelos profissionais que atuam o julgamento moral) ao longo do árduo caminho de busca por reparação, reconhecimento e justiça.

Na narrativa crua, diante do relato da cena de assassinato do filho, contada por uma das mães, a reação da psicóloga: *“Mas seu filho era dependente químico e morador de rua, o que você poderia esperar?”*. Bruno, em sua forma de capturar o que subjaz de violência e do desmentido, nos coloca corpo a corpo, atravessados por sua escuta aguçada, como testemunhas de uma prática banal de revitimização no dia a dia das instituições e do imaginário social sobre os criminalizados. *“Quando vi o caixão*

de meu filho sendo enterrado, descobri o verdadeiro sentido da expressão 'para sempre'.

Os fragmentos das histórias colhidas ao longo de sua atuação com essas mulheres, vítimas indiretas da violência, vão dando a dimensão da perenidade do traumático, do sofrimento sem vislumbre de fim, de cessamento da dor lancinante. Um fim poderia ser o sentimento de que algo foi possível de reparação, a experiência de reconhecimento, da legitimidade de sua dor e que pode suportá-la. Encerro então com um dos dizeres daquelas a quem o autor quis tanto ouvir e que outros ouvissem: *“Não pode mudar no sentido de ter minha irmã de volta, mas com essa ajuda a expectativa foi a de que eu posso conviver com isso, eu posso viver com essa perda, com esse luto, com essa dor que um dia é menor outro não...”* (Maria Alice).

Teresa Cristina Endo

Psicanalista

Doutorado em Psicologia Clínica (PUC-SP)

LISTA DE SIGLAS

ACNUR — Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CEAPIS — Central Integrada de Alternativas Penais e Inclusão Social

CEAV — Centro de Atendimento à Vítima de Violência

COVID-19 — *Coronavirus Disease* (2019)

CRAMI — Centro Regional de Atenção aos Maus-tratos na Infância

CRAVI — Centro de Referência e Apoio à Vítima

CRESS — Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo

DOI-CODI — Destacamento de Operações e Informações do Centro de Operações e Defesa Interna

DHPP — Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa

GAVV — Grupo de Apoio à Vítima de Violência

GOAC — Grupo Operativo de Aprendizagem Coletiva

HIV — *Human Immunodeficiency Virus* (vírus da imunodeficiência humana)

IML — Instituto Médico Legal

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais e demais

NAVCV - Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos

OEA — Organização dos Estados Americanos

ONG — Organização não governamental

ONU — Organização das Nações Unidas

OVC — Office for Victims of Crimes

PCC — Primeiro Comando da Capital

PNDH — Programa Nacional de Direitos Humanos

PPA — Plano Plurianual

Pró-CEVIC - Programa Catarinense de Atendimento à Vítima de Crime

ROTA — Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar

SSP — Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

UNODC - Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime

VOCA — *Victims of Crime Act* (vítimas de ação criminal)

“Uma mãe que perde um filho, o perde todos os dias”.

Marjori, participante do grupo de apoio à familiares e amigos de vítimas de homicídio e feminicídio.

SUMÁRIO

Prefácio	13
Lista de Siglas	21
Apresentação	27
Introdução	55
I. Vítimas da violência	72
<i>Quem são as vítimas da violência?</i>	78
<i>Vítimas diretas e indiretas da violência</i>	85
<i>Vitimização primária, secundária e terciária</i>	86
II. Histeria, neuroses traumáticas e as grandes guerras: um percurso até a construção de políticas públicas para vítimas de violência	94
<i>Histeria e neurose traumática: os traumas da psicanálise</i>	102
<i>Da histeria para o front: as neuroses traumáticas de guerra</i>	120
<i>Do front para o abuso: o trauma para Sándor Ferenczi</i>	132
<i>Do abuso ao desmentido: trauma e a confusão de línguas</i>	144
III. A construção de políticas públicas de apoio às vítimas de violência	159
<i>Revoltas populares nos Estados Unidos — Os movimentos sociais das vítimas de violência</i>	168

<i>Ditaduras no Brasil — Das violações de direitos à construção de uma política de reparação e assistência</i>	177
IV. Os grupos de apoio nos centros especializados de apoio às vítimas de violência	201
<i>O grupo de apoio para familiares e amigos de vítimas de homicídio e feminicídio</i>	207
<i>Delimitando a pesquisa: metodologia de pesquisa e as entrevistas ao grupo de apoio para familiares e amigos de vítimas de homicídio e feminicídio</i>	216
V. As entrevistas	223
VI. Analisando as entrevistas	256
<i>Dor</i>	261
<i>Luto</i>	269
<i>Acolhimento — “Poder falar”</i>	280
<i>Reconhecimento</i>	290
<i>Considerações finais</i>	305
Referências	312
Posfácio	338

**“QUEREMOS JUSTIÇA”:
TRAUMA E RECONHECIMENTO
DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA**

BRUNO CERVILIERI FEDRI



INM Editora